

**CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA**  
**REALIZADORES CONVIDADOS: REGINA GUIMARÃES & SAGUENAIL**  
**21 de Junho de 2024**

SESSÃO "NÓS E NUS"

**A IMITAÇÃO / 2003**

*Um filme de Saguenail*

Realização e Montagem: Saguenail / Argumento e Canções: Regina Guimarães / Direcção de Fotografia: Pedro Pinho / Música: Fernando Rodrigues / Som: Rui Coelho.

Produção: Hélastre / Produtora: Regina Guimarães / Cópia DCP, colorida / Duração: 20 minutos / Inédito comercialmente.

**ACENTUADO ARREFECIMENTO NOCTURNO / 2013**

*Um filme de Saguenail*

Realização e Montagem: Saguenail / Argumento: Regina Guimarães / Direcção de Fotografia: Acácio de Almeida / Som: Rui Coelho / Com: Ângela Marques, Gonçalo Gregório, Miguel Ramos, Rui Spranger e Luzia Carvalho.

Produção: Hélastre / Cópia DCP, colorida / Duração: 19 minutos / Inédito comercialmente.

**DIÁSPORA / 2016**

*Um filme de Regina Guimarães*

Realização: Regina Guimarães / Direcção de Fotografia: Regina Guimarães e Kim Abramovici / Montagem: Regina Guimarães e Saguenail.

Produção: Hélastre / Cópia DCP, colorida / Duração: 35 minutos / Inédito comercialmente.

**NUS DANS LA CAGE D'ESCALIER / 2010**

*Um filme de Saguenail*

Realização, Fotografia e Montagem: Regina Guimarães e Saguenail / Música: Regina Guimarães e Tiago Afonso / Canção: Ana Deus e Regina Guimarães / Misturas: Rui Coelho.

Produção: Hélastre / Cópia DCP, colorida / Duração: 26 minutos / Inédito comercialmente.

**GAIA / 2004**

*Um filme de Amarante Abramovici*

Realização e Argumento: Amarante Abramovici / Direcção de Fotografia: Gringuta Pinzaru / Som: Nicolas Paturle, Antoine Corbin / Montagem: Guillaume Lauras.

Produção: La Fémis / Cópia DCP, colorida / Duração: 27 minutos / Inédito comercialmente.

\*\*\*

Com a presença de Regina Guimarães e Saguenail.

\*\*\*

“Nós e Nus”, como os realizadores propõem em designação genérica do agrupamento de filmes desta sessão, que também podia ser, com licença deles, “nós nus”. Duas palavras muito curtas que exprimem uma quantidade de variações temáticas e questões figurativas, patentes ao longo de todo os filmes. Um “nós” que se refira a eles, próprios, o casal de cineastas, nas suas pessoas, biografias, corpos; mas também, mesmo quando é apenas essa unidade comunitária mínima que é um casal, justamente a ideia de colectivo, de comunidade, familiar ou para além dela (como se vê em **A Imitação**, com o seu rol vastíssimo de participantes, como um “fresco” que fixa uma comunidade mais ou menos precisa num ponto mais ou menos preciso do tempo; como se vê em **Acentuado Arrefecimento Nocturno**, paródia bíblica e mitológica que põe em cena “a primeira família”, Adão, Eva, Caím, Abel).

Mas “nus” também, como Adão e Eva, num sentido literal, de auto-exposição, onde a nudez física se articula com outro tipo de nudez, de nudez “interior”, de franqueza e despojamento na forma como a pessoa dos cineastas é oferecida à câmara, um diálogo entre corpos e aquilo que os corpos preservam como mistério inatingível, perscrutável mas não restituível através da imagem, resistente ao “retrato” mesmo quando o “retrato” é “auto-“, algo a que podíamos chamar “a alma”, mas a que também pode ser removido o conteúdo místico para se ficar com algo de mais tangível – como se a grande questão destes filmes, e falamos sobretudo de **Diáspora** e de **Nus dans la Cage d’Escalier**, residisse numa espécie de ensaio sobre as possibilidades de figuração da intimidade. São, por isso, filmes muito directos (cf. as intervenções de Regina Guimarães em **Diáspora**, em absoluta frontalidade, rosto a olhar para a câmara) e também muito diferidos, o tangível e o físico em articulação com uma melancolia de origens diversas (a passagem do tempo, por exemplo), que os corpos servem *também* para exprimir. Fundir o diário íntimo com o relato de viagens, diz algures a voz off de Regina em **Diáspora**, e isso é uma forma de filmar um “ici” (a câmara a zigzaguear pelo espaço da casa, planos cheio de gravidade, no sentido newtoniano, cheios de “imanência”) e um “ailleurs” (todas as imagens que chegam de outros lugares, imagens de natureza, imagens urbanas, e imagens que forçosamente são também imagens que carregam um tempo próprio, um tempo diferente do tempo doméstico). Nesse sentido, o filme é uma proposta de um cinema *na primeira pessoa*. **Nus dans la Cage d’Escalier** acrescenta *a segunda pessoa*, numa espécie de diálogo, diálogo de olhares, entre Regina e Saguenail, mas mais ainda de um *sobre* o outro e vice-versa. É um filme construído dentro dessa intimidade, e se essa intimidade é a sua condição (é ela que permite o filme), e de certo modo o seu tema, todo o filme é também uma interrogação sobre as possibilidades da sua representação – portanto, uma questão acima de tudo pictórica, como a filiação expressa, através do segmento final, na tradição dos nus da história da pintura, vem reforçar.

A fechar a sessão, **Gaia**, um filme que não sendo de Regina nem de Saguenail vem de alguma maneira fazer a síntese das questões levantadas ao longo dos quatro títulos anteriores. É um filme que vem da comunidade íntima que é a família, assinado por Amarante Abramovici, filha do casal, e feito no quadro de um curso na famosa escola de cinema La Fémis; e é um filme que, ocupando-se da pintura de um quadro e dos vários modelos nus que vêm posar para o pintor (João Alves), se interroga de uma ponta à outra sobre estas questões, a nudez, a exposição (a auto-exposição e o que isso tem de uma oferta à exposição através dos olhos de outros), a intimidade, a relação entre retratados e retratistas – e as possibilidades de representação de tudo isto.

Luís Miguel Oliveira